

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS

CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

LICENCIATURA EM DANÇA

KAROLINE MARQUES DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CORPORAIS NA CRIAÇÃO DE UMA DANÇA
AUTOBIOGRÁFICA.**

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Kandine Marques de Oliveira.

Matrícula: 2017 10 900 503 17

Título do Trabalho: Memoirs e Experiências Corporais na Graciosa de uma Dança Autobiográfica

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
- ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Ap de Goiânia, 06 / 11 / 2023
Local Data

Kandine Marques de Oliveira.

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

KAROLINE MARQUES DE OLIVEIRA

**MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CORPORAIS NA CRIAÇÃO DE UMA DANÇA
AUTOBIOGRÁFICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/ IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientador: Professor Germano Henrique Pereira Lopes
Coorientador: Professor José Jayme da Silva Marques

APARECIDA DE GOIÂNIA

2025

ATA DE DEFESA DE ARTIGO CIENTÍFICO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa do Artigo Científico intitulada **Memórias e Experiências Corporais na Criação de uma Dança Autobiográfica**, sob orientação de Germano Henrique Pereira Lopes e coorientação de Jose Jayme da Silva Marques, apresentada pela aluna **Karoline Marques de Oliveira (20171090050317)** do Curso **Licenciatura em Dança (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **18:08** do dia **05/09/2025** pelo Professor presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Germano Henrique Pereira Lopes** (Presidente)
- **Jose Jayme da Silva Marques** (Coorientador e Examinador Interno)
- **Maria Fernanda Costa Miranda** (Examinadora Interna)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Artigo Científico, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pela aluna, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Germano Henrique Pereira Lopes** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Germano Henrique Pereira Lopes** (991.680.813-91), em **10/09/2025 10:48:49** com chave **e13ba0ac8e4c11f0a4e4005056a537a4**.
- **Jose Jayme da Silva Marques** (383.239.458-37), em **08/09/2025 10:17:57** com chave **3c5f10108cb611f09fd4005056a537a4**.
- **Maria Fernanda Costa Miranda** (904.246.111-04), em **06/09/2025 18:11:20** com chave **0905027a8b6611f0adfe005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 14/10/2025

Código de Autenticação: 235955



RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido a partir das disciplinas de Danças Populares Tradicionais e Fundamentos Metodológicos de Dança, ministradas no quinto período do curso de Licenciatura Plena em Dança do Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia, no primeiro semestre de 2019. O tema central da pesquisa é a investigação das memórias pessoais como disparadores para a criação em dança. O objetivo foi compreender como experiências vividas, registros afetivos e objetos significativos podem orientar a construção de uma dança autobiográfica, possibilitando ressignificar práticas corporais e memórias. A motivação surgiu da necessidade de entender como o corpo, atravessado por experiências individuais e culturais, pode ser transformado em dança. Para isso, desenvolveu-se um inventário pessoal, a partir dos objetos e memórias, permitindo estabelecer uma ligação entre experiências, gestos e sensações. Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, usando o método (auto)biográfico. Os objetos selecionados: fotos; faixas de karatê; coroas e saias de quadrilha; e objetos religiosos foram utilizados como disparadores para a pesquisa e processo criativo, tendo o karate e a quadrilha como foco principal. O trabalho é dividido em duas etapas: um relato teórico e a criação de uma dança, desenvolvidas de forma concomitante, integrando pesquisa teórica e criação artística, possibilitando que a reflexão sobre minhas memórias dialogue diretamente com o processo de construção coreográfica.

Palavras-chave: experiências; memórias; estudo (auto)biográfico.

ABSTRACT

This work was developed from the Traditional Popular Dances and Methodological Foundations of Dance courses, taught in the fifth semester of the Bachelor's Degree in Dance at the Federal Institute of Goiás, Aparecida de Goiânia Campus, in the first semester of 2019. The central theme of the research is the investigation of personal memories as triggers for dance creation. The objective was to understand how lived experiences, affective records, and significant objects can guide the construction of an autobiographical dance, enabling the redefinition of bodily practices and memories. The motivation arose from the need to understand how the body, permeated by individual and

cultural experiences, can be transformed into dance. To this end, a personal inventory was developed, based on objects and memories, allowing for the establishment of a connection between experiences, gestures, and sensations. This is a qualitative study using the (auto)biographical method. The selected objects: photos; karate belts; square dance; crowns and skirts; Religious objects were used as triggers for the research and creative process, with karate and square dancing as the main focus. The work is divided into two stages: a theoretical account and the creation of a dance, developed concurrently, integrating theoretical research and artistic creation, allowing reflection on my memories to directly connect with the choreographic construction process.

Keywords: experiences; memories; (auto)biographical study.

INTRODUÇÃO

No ano de 2019, em algumas das aulas das disciplinas Ateliê de Criação em Dança V - Danças Populares Tradicionais e Fundamentos Metodológicos do Ensino Dança II¹, do curso de Licenciatura em Dança, do IFG - Aparecida de Goiânia, ministradas pela professora Tainá Dias de Moraes Barreto². Foi proposto a criação de um inventário pessoal que contivesse objetos que despertam lembranças profundas em nós. Para tanto, um processo auto investigativo foi necessário para rememorar momentos chave em nossas vidas até chegar nesses objetos que se tornam o resumo simbólico dessas lembranças.

A ideia era, após o processo inicial concluído, levarmos e apresentarmos em aula os objetos escolhidos que evidenciaram maior significado pessoal. Depois de compartilhar um pouco da minha história e memórias com meus colegas de turma e com a professora, decidi focar na arte marcial do karatê e na modalidade de dança quadrilha, que eram centrais e mais fortes na minha trajetória, sendo estes os pilares investigativo e disparadores desta pesquisa acadêmica e artística. Os objetos selecionados foram: Faixas de karatê; saia de quadrilha; coroa de rainha da quadrilha; fotos desses ambientes e algumas imagens religiosas.



¹ As disciplinas citadas correspondem à grade curricular vigente até o ano de (2021), na qual Pcc - Ateliê de Criação em Dança V - Danças Populares Tradicionais e Fundamentos e Metodologias do Ensino da Dança II eram ofertadas no quinto período.

² Tainá Dias de Moraes Barreto é professora e pesquisadora do Instituto Federal de Goiás - IFG, Campus Aparecida de Goiânia. É graduada em dança pela UNICAMP, mestre em Artes pela universidade de Brasília (UNB) e doutoranda em Artes Cênicas pela mesma instituição. Sua atuação docente e investigativa envolve práticas corporais somáticas, culturais populares brasileiras e processo de criação em dança contemporânea com ênfase em abordagens autobiográficas.

Figura 1 - Faixa de karatê em ordem progressiva.
Fonte: arquivo pessoal, 2025.

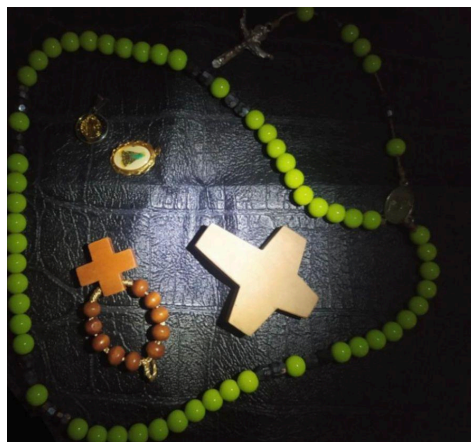


Figura 2: Itens religiosos. Fonte: arquivo pessoal, 2025.

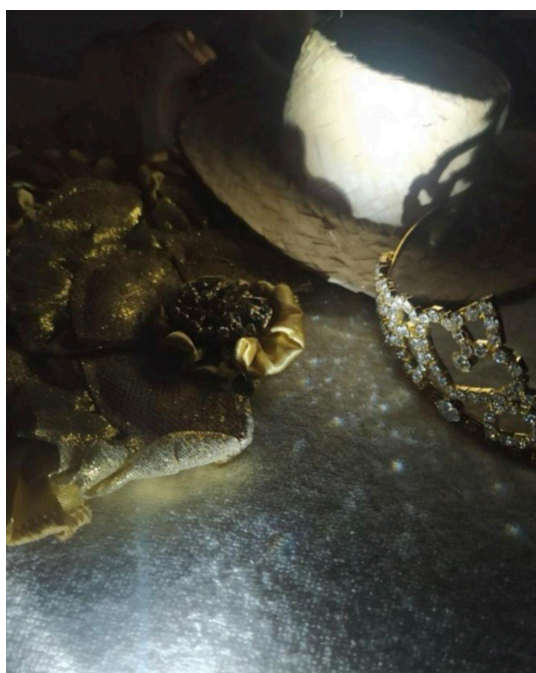


Figura 3: Coroa e acessórios de cabelo da quadrilha. Fonte: arquivo pessoal, 2025.

A partir desses objetos, algumas experiências dos meus contextos sociais, culturais e religiosos puderam ser resgatadas, bem como o aprofundamento de aspectos da minha

história que se conectam com a pesquisa a ser desenvolvida. Em seguida, busquei investigar de que forma esses elementos inventariados poderiam ser base para uma criação artística em dança, pois eles podem ser ponto de partida no acesso a essas memórias. Estas, por sua vez, são ativadas por meio de sensações, imagens e narrativas. Assim, pode-se compreender como esse corpo reverbera sendo atravessado por tais estímulos.

Para a pesquisadora Lucia Gouvêa Pimentel, com pesquisas voltadas a experiências estéticas na educação e na criação artística, que comenta sobre a completude do engajamento do sujeito na ação artística, ela pontua:

Experiência tem sido um tema recorrente em muitos campos de conhecimento. Mesmo quando não é o ponto central de um trabalho, a palavra experiência parece escapar ao controle do texto e marca presença com várias possíveis interpretações, desde sendo tudo o que acontece na vida até o que transforma fundamentalmente o sujeito, desde o que é intrínseco ao sujeito até o que é um processo de dessubjetivação. (PIMENTEL, 2015 p.91).

A discussão sobre processos criativos que usam da experiência/experimentação tornou-se objeto de pesquisa de muitos estudiosos, dando ao dançarino autonomia e amplo repertório para criação, podendo usar imagens, memórias, textos, objetos dos mais variados, considerando toda a sua trajetória anterior como ponto de partida para criação.

A pesquisadora Neila Baldi, traz a pesquisa em dança autobiográfica e educação, e discute sobre processos criativos e formativos a partir da escrita de si e memória, no seu artigo publicado em 2018 “Diários e inventários como processo formativo em dança”, Baldi diz:

Memórias estas que se corporificam em movimentos, escolhas estéticas enquanto dançam. Desta forma o inventário, para mim, é uma via de mão dupla: um modo de conhecer mais sobre minhas alunas e alunos e deles(as) identificarem características suas que se refletem em seus movimentos, em suas escolhas - estéticas, profissionais, entre outras - refletirem sobre suas vivências, num processo autoformativo. (BALDI, 2018 p. 717).

Deste modo, o inventário proporciona ao indivíduo ser o sujeito pesquisador. Investigador e criador artístico por meio do resgate de suas memórias. O inventário

peçoal funciona como uma ferramenta importante para um processo artístico, onde o pesquisador relata suas experiências, sendo elas teóricas e práticas, dando autonomia ao pesquisador em todo processo para identificar o que será usado ou não em sua composição artística.

Nesta pesquisa, o inventário pessoal é utilizado como disparador dos processos investigativo e criativo, que possibilita levantar dados a partir de memórias, funcionando como um método de autoconhecimento. Isso me permitiu reconhecer e identificar em meu corpo, vários elementos enraizados que me moldaram/moldam neste ser dançante. Pensando no uso do inventário pessoal em processos artísticos, a pesquisadora Neila Baldi, traz o uso do inventário pessoal como ferramenta potente dentro da criação autobiográfica:

Outro instrumento comum na dança - sobretudo em processos criativos que se utilizam da autobiografia - são os inventários pessoais. Os inventários são escritos de si, nas quais a pessoa escreve sobre sua vida, desde o nascimento até os dias atuais, elencando fatos marcantes e escolhas do período. Na criação em dança, desses inventários podem emergir temas de espetáculos, temas de movimento etc. (BALDI, 2018 p. 717).

Essa noção da escrita de si, utilizando-a como ferramenta potente dentro do trabalho autobiográfico ajudou a estabelecer as primeiras bases deste processo, que tem como objetivo central, investigar e refletir sobre processos criativos que partem dessa relação das minhas memórias pessoais com práticas de dança sobretudo as danças populares e contemporâneas.

As danças populares, especialmente representadas pela quadrilha junina, carregam em seus passos, figurinos e musicalidade um universo festivo que dialoga diretamente com minhas vivências culturais e afetivas, servindo como fonte de resgate e recriação no processo artístico. Já o karatê, embora seja uma arte marcial, apresenta um repertório corporal que se aproxima da dança contemporânea pela liberdade de ressignificação dos movimentos, pela escuta sensível do corpo e pela possibilidade de transformar técnicas rígidas em gestos expressivos e subjetivos. Dessa forma, a quadrilha oferece as bases populares que alimentam a memória coletiva e festiva, enquanto o karatê, reinterpretado pela dança contemporânea, permite experimentar força, precisão e intensidade como recursos poéticos na criação cênica

Durante o início do meu processo, tanto teórico quanto prático, encontrei aproximações ao método BPI - Bailarino Pesquisador Intérprete (RODRIGUES, 1997), que propõe que o bailarino também seja investigador e criador da sua própria cena. É importante ressaltar que o BPI não será o foco desta pesquisa, mas como referência que aponta possibilidades. O corpo foi compreendido como criador, onde as histórias e memórias vividas podem se transformar em dança. Usando como inspiração o método BPI:

O Bailarino-Pesquisador-Intérprete (BPI) é um método artístico de pesquisa e criação em dança, embasado em eixos específicos e desenvolvido a partir de ferramentas próprias, que favorece a potência latente na dança de cada intérprete em conexão com segmentos sociais singulares. Cada intérprete, através do BPI, alcança uma estruturação corporal própria, construída por meio de processamento de memórias, imagens, emoções e sensações, provenientes do seu encontro com as pessoas com quem ele conviveu em pesquisa de campo. Na busca por um corpo vigoroso e mobilizado internamente, muitos artistas utilizam o método BPI ou aspectos do mesmo para a criação nas artes da cena (RODRIGUES, 2016.)

O método BPI, é pensado em uma relação que é única e integrada, não há uma separação, sobre o que é corpo e o que é história, neste trabalho, são as experiências que esse corpo trás. O BPI pode ser uma forma de ampliar a relação do intérprete com o mundo, desenvolvendo no intérprete um olhar sensível e pessoal sobre suas relações e suas experiências junto com a composição artística.

O método BPI trabalha a autonomia do pesquisador, estimulando a construção e o processo criativo. Principalmente nos temas autobiográficos, que busca compreensão de fatores externos e internos para um processo criativo, na estruturação individual do próprio corpo.

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo, embasada em uma abordagem autobiográfica, que busca compreender o uso do meu corpo como arquivo de memórias. Um corpo que comunica e carrega em seus movimentos os atravessamentos vividos das minhas experiências com as artes marciais e as artes da cultura popular. Assim, a metodologia adotada neste trabalho compreende a prática artística como meio de investigação, considerando o corpo como território de memória e criação, e a autobiografia como motor para o surgimento de uma poética própria, ou seja, autobiografia em dança.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas: 1 - **Relato teórico e narrativo**: reflexões sobre minha trajetória pessoal, a partir de elementos de artes marciais (Karatê) e da cultura popular (quadrilha, religiosidade etc); 2 - **Criação de uma composição coreográfica**: baseada nos objetos simbólicos previamente escolhidos e levantados durante o processo narrativo.

Este trabalho pretende ajudar a pensar o corpo que é individual e ao mesmo tempo coletivo, atravessados por experiências únicas e que podem se transformar em um trabalho artístico.

1 - Corpo e Memória

Nasci dia 26 de novembro de 1994, na cidade de Goiânia-GO, mas vivi no município vizinho, Aparecida de Goiânia-GO. Vivi toda minha infância no bairro Jardim Riviera³, onde meus pais, após seis anos de casados, decidiram abrir um pequeno comércio: uma mercearia. A iniciativa surgiu do desejo de garantir uma renda estável e proporcionar uma vida melhor para a nossa família. Naquela época, o bairro ainda era novo e o comércio local bastante limitado, o que representou uma oportunidade promissora para o empreendimento. Cresci em um ambiente familiar simples, mas cheio de dedicação dos meus pais para oferecer melhores oportunidades.

Iniciei minha trajetória escolar na Educação Infantil, cursada na Escola Mundo Mágico, uma instituição particular de Aparecida de Goiânia. Em seguida, realizei todo o Ensino Fundamental na Escola Dom Fernando, também particular, e concluí o Ensino Médio no Colégio Estadual Colina Azul. Posso dizer que os primeiros anos de estudo foram desafiadores. Durante a infância, enfrentei dificuldades de socialização e era uma criança tímida, o que influenciava diretamente o desempenho escolar e minhas relações com os colegas. Evitava interações, não brincava com outras crianças e não fazia perguntas aos professores quando surgiam dúvidas. Esse comportamento acabava prejudicando meu aprendizado e meu envolvimento nas atividades escolares.

³ O bairro Jardim Riviera, fundado em 1985, integra o município de Aparecida de Goiânia, cidade que, segundo estimativas do IBGE, já ultrapassou 550 mil habitantes em 2024, com alto índice de urbanização (99,8%) e escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos de 96,3%. O bairro conta com estrutura urbana consolidada, incluindo escola praça, policiamento, água tratada e pavimentação asfáltica, e foi beneficiada por objetos de extensão pública, como mutirões de serviços (infraestrutura, saúde e cidadania) e a inauguração de um centro cultural evidenciando a mobilização comunitária e o investimento em equipamentos sociais.

Essa dificuldade não passou despercebida pela minha professora da segunda série⁴ Cláudia Edilene. Percebendo minhas limitações ela sugeriu à minha mãe que me matriculasse em uma atividade extracurricular para desenvolver autonomia, aprimorar minha socialização e ajudar na timidez. A professora sugeriu esporte, teatro ou dança. Caminhos que, mais tarde, se mostrariam transformadores, não apenas aspectos de socialização, mas no desenvolvimento pessoal.

Atendendo a sugestão da minha professora e pensando na importância da socialização na infância, comecei a fazer atividades extracurriculares. O Karatê foi a primeira escolha, marcando o início de uma trajetória corporal que, mais tarde, dialogaria com a dança e com minhas experiências artísticas, estabelecendo um elo entre disciplina, expressão e memória corporal.

Logo minha mãe lembrou que na associação de moradores do bairro, onde ela também praticava ginástica aeróbica, eram oferecidas aulas de karatê. Assim, no ano de 2000, aos seis anos de idade, ela decidiu me matricular no karatê, na academia Dragão Branco, onde tive aulas com o mestre Paulo.

Na oportunidade em que minha mãe me levou para assistir a primeira aula, eu não tinha gostado nada. Naquele primeiro contato eu fiquei me perguntando o que iria fazer ali, se nem na escola eu me sentia bem. No entanto, não consegui recusar, o professor estava perto e por timidez não consegui falar que não queria, apenas balancei a cabeça sinalizando que sim para a minha mãe. Era ali que começava uma das experiências mais significativas da minha infância, mesmo que na época eu não fizesse ideia da intensidade que aquilo tomaria na minha vida.

Foi assim que embarquei na vida de “karateca”, como são chamados aqueles que praticam o esporte. Logo de início comecei a ver as potencialidades corporais e as descobertas de coisas novas, assim a vontade de conhecer e me dedicar aumentava cada dia mais. A experiência do karatê me transformou profundamente, uma menina tão frágil, que era a imagem que meu corpo passava, agora se confrontava com um esporte intenso, muitas vezes considerado “para homens” como ouvi várias vezes. Algumas pessoas sugeriram à minha mãe que buscasse uma atividade mais adequada para meninas, mas

⁴ Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997), o que na época era denominado “2ª série do ensino fundamental” corresponde hoje ao 2º ano Ensino Fundamental, considerando a reorganização do ciclo de alfabetização e a divisão do ensino em anos.

ela percebeu o quanto o karatê estava me transformando.

Aos poucos minhas relações sociais foram melhorando, não só no karatê, mas também na escola. O karatê me mostrou possibilidades que eu não imaginava que tivesse ali dentro daquela menina frágil, que se emociona muito fácil, não muito diferente de hoje. Ali existia uma menina destemida, que era muito mais que sua imagem passava. Mas, ali foi só o começo das descobertas que aquela menina e aquele corpo faria.

Ao longo da minha trajetória no esporte, aprendi muito com o mestre Paulo. Ele não apenas me ensinava golpes e posturas, mas também mostrava a importância da disciplina, da concentração e da paciência, lições que se estenderam muito além do tatame. Cada treino era convite para conhecer meu corpo, sentir sua força, controlar a respiração, perceber os limites e possibilidades, além de compreender como a postura e a movimentação podiam refletir minha presença e expressão.

Participei de campeonatos desde o primeiro ano no karatê, minha primeira luta concorrendo a medalhas, aconteceu ainda na faixa branca, a primeira faixa do esporte. Lembro que estava bastante nervosa. Ao chegar no ginásio, deparei-me com grandes academias e com estruturas maiores que a minha, e isso contribuiu para que eu ficasse mais nervosa. À medida que as eliminatórias avançavam, meu nervosismo crescia, mas também surgia uma expectativa intensa de enfrentar cada desafio. Cheguei à última luta sentindo uma mistura de medo e empolgação, naquele momento o segundo lugar já era meu, mas eu ainda lutaria pelo primeiro. A adversária demonstrava constantemente seu potencial, mostrando que estava ali para vencer. Esse momento, de tensão, controle e atenção plena me ensinou a perceber meu corpo, meus limites e possibilidades.

Lembro que, durante a luta, levei um golpe na barriga, senti medo e falta de ar, os paramédicos entraram e conversaram comigo, e naquele momento a menina frágil apareceu, naquele momento eu só queria sair dali. Nessas situações o técnico pergunta se o atleta deseja continuar ou parar. Naquele momento, minha vontade de desistir era enorme, mas na hora não consegui falar, não sei se pela timidez. Mas, valeu a pena, já que naquele dia conquistei minha primeira medalha de ouro, uma vitória que simboliza não só meu esforço, mas também a superação das minhas próprias limitações e medos.

Participar de campeonatos foi emocionante, a adrenalina, a tensão e a superação me fizeram descobrir coragem que eu nem sabia que tinha. No karatê aprendi a equilibrar

firmeza e leveza, força e sensibilidade, aspectos que mais tarde passaram a dialogar com minha dança, oferecendo ferramentas para explorar tensão, ritmo e expressão corporal, estabelecendo uma ponte direta entre a técnica marcial e a criação coreográfica. O karatê fez parte da minha rotina por oito anos, exigindo dedicação e disciplina. Essa prática não apenas contribuiu para superar a timidez, mas também foi fundamental para a construção das minhas experiências corporais.

Passados seis anos do meu primeiro contato com o karatê, em 2006, tive a oportunidade de conhecer a quadrilha junina. Quando criança, eu era muito ligada à religiosidade, relação que se constituiu principalmente através da minha avó paterna Maria Carolina. Ela sempre me levava às missas nos domingos que eu dormia em sua casa. Lembro de acordar cedo e ouvir a rádio transmitindo a celebração, enquanto ela colocava um copo de água na frente do aparelho. Depois, dava um pouco de água para cada um dos netos que estivessem lá.

Devido a esse contato com o catolicismo, eu comecei a frequentar uma igreja do meu bairro, a São Lucas, vinculada à Paróquia São João Batista no bairro Colina Azul, também na cidade de Aparecida de Goiânia. Foi nessa mesma igreja que fui batizada, fiz a primeira comunhão e a crisma. Tinha uma época do ano que eu mais gostava, que eram as quermesses e as festas juninas. E foi em uma dessas festas típicas que aconteceu meu primeiro contato com a quadrilha junina.

Quando tinha onze anos, a igreja que eu frequentava iria fazer uma festa de São João. Diferente dos outros anos, esse ano teria a apresentação de um grupo de quadrilha junina de fora. Quando chegou o dia da festa, eu estava ajudando o grupo de jovens a vender os bolos, quando vi os dançarinos entrando, vestidos longos bem rodados, todos padronizados, cabelos bem arrumados e cheios de acessórios, meu olhos brilharam.

A apresentação era do grupo Raízes de Goiás, pertencente à paróquia São João Batista. Chegou a hora deles se apresentarem, busquei o melhor lugar para poder assistir, vi tudo sem nem piscar os olhos, eu tinha adorado aquilo logo de início, diferente do karatê, na quadrilha eu me reconheci desde o primeiro momento.

O grupo se apresentou com músicas animadas, figurinos coloridos e uma energia contagiante, que me fascinaram profundamente, me despertando uma vontade de fazer parte. Quando acabou a apresentação fui buscar informações com os dançarinos, eles me

disseram como funcionava o grupo e que era aberto para quem quisesse participar.

Depois daquele dia, eu descobri e conheci vários grupos como aquele, e eu já queria poder fazer parte e dançar, mas mesmo pedindo meus pais, eles disseram que precisa saber como funcionava para então saber se daria certo. Por coincidência, uma amiga que era vizinha, algum tempo depois veio me convidar para dançar no mesmo grupo que ela. Naquele momento minha mãe deixou, mas meu pai não. As apresentações eram à noite e ele me disse que nem sempre daria para me acompanhar.

Já no outro ano, depois de insistir muito, meu pai resolveu deixar. Então depois de um ano de admiração, foi que comecei a dançar, e a quadrilha desde então passou a ocupar um lugar muito importante na minha vida. Em 2007 então seria meu primeiro ano dançando, entrei em um grupo que era novo no bairro, o nome dele era Brasil Caboclo, dancei lá somente um ano, o primeiro ano do grupo, mas ali já sentia uma Karol diferente, a dança me fazia sentir coisas que eu não sentia em lugar nenhum.

No ano seguinte, resolvi mudar de grupo, queria ir para o mesmo que assisti a primeira vez. Fui no primeiro ensaio do ano deles, a fim de conhecer e saber se eu realmente iria mudar de grupo. E assistindo ao ensaio eu tive a certeza que queria estar ali, e então resolvi ir para esse grupo, que era a Raízes de Goiás. Os anos foram passando e eu cada ano mais feliz em poder dançar, a quadrilha me dava muita liberdade, era como se existisse duas Karol, uma antes e uma depois da quadrilha.

Passados então seis anos como quadrilheira, em 2013, fui coroada rainha do meu grupo Raízes de Goiás, um momento que permanece vivo na minha memória, como símbolo de conquista e reconhecimento. Sentir o peso da coroa foi experimentar, ao mesmo tempo, orgulho, responsabilidade e alegria. Essa experiência despertou em mim um sentimento profundo de pertencimento e valorização da minha trajetória com a cultura popular.

Em 2015, tive a oportunidade de atuar como coreógrafa pelo primeiro ano, na quadrilha Raízes de Goiás, grupo que eu ainda representava como Rainha. Essa experiência foi desafiadora e enriquecedora. Essa experiência marcou minha trajetória, contribuindo para a busca por uma graduação em arte, no início pensando principalmente em poder contribuir cada vez mais com meu grupo.

Mas, mesmo muito nova, minha rotina começou a preocupar meus pais, era a escola e suas atividades, o karatê e suas horas de treino e a quadrilha que tomava tempo entre ensaio e apresentações. Então em 2009, meus pais conversaram comigo, e resolveram me deixar fazer apenas uma das duas atividades. Eu fiquei confusa, não sabia qual escolher, o karatê me proporcionou participar de campeonatos fora do estado, tinha oportunidades de treinar em academias maiores com bolsa. Mas, o sentimento pela quadrilha era diferente, e então mesmo sem saber se era o certo escolhi a quadrilha.

Após decidir continuar na quadrilha, vivi inúmeras experiências dentro do mundo junino que fortaleceram mais meu amor por esse movimento cultural. Ao longo dos anos, pude aprimorar minha consciência corporal e ampliar minhas habilidades de expressão através da dança. Meus caminhos como quadrilheira se estenderam até o ano de 2022, marcando 16 anos de dedicação, aprendizado e vivência artística. Cada apresentação, ensaio e desafio contribuíram para o fortalecimento do meu corpo criativo, tornando-o não apenas instrumento de performance, mas também espaço de memória, emoção e identidade.

Era notável como o karatê e a quadrilha mostravam um corpo distinto, no karatê eu precisava ser a Karol durona, a destemida que queria mostrar que apesar das fragilidades que sua imagem passava, ela era sim uma menina forte. Já a Karol da quadrilha, era leve, feliz e muito sorridente, era como se ela quisesse passar para quem assistia a sua felicidade, ela só conseguia sentir aquilo tudo pulsando de dentro para fora, no ritmo da zabumba, dos triângulos, da sanfona e todos os outros instrumentos.

O karatê e a quadrilha estiveram presentes em boa parte da minha infância, e é a partir dessas vivências que essa pesquisa e criação artística se apoia. Sendo assim, este trabalho é uma transformação de memórias em dança.

Minha entrada no curso de Licenciatura em Dança, aconteceu principalmente pelo incentivo de pessoas que me viam dançar quadrilha e reconheciam meu interesse pela arte. Embora o desejo de cursar algo ligado a essa área fosse antigo, no início senti receio quanto aos desafios que encontraria. Ao ingressar na graduação, meu objetivo era ampliar conhecimentos sobre cultura popular. Com o tempo, percebi que meus desejos se expandiram, abrindo caminhos para novas formas de pesquisa, criação e aprofundamento artístico, que culminaram no desenvolvimento desta investigação.

Nas disciplinas ministradas pela professora Tainá, que deram origem à proposta desta pesquisa, as aulas foram estruturadas como espaços de vivência e experimentação, aproximando-nos das expressões da cultura popular brasileira. Nessas experiências, exploramos práticas corporais, elementos simbólicos, contextos históricos e modos de transmissão presentes nas manifestações populares. Houve também abertura para que cada estudante criasse a partir de suas próprias memórias e referências, conectando o processo de pesquisa à elaboração de propostas artísticas autorais e ampliando percepção sobre o valor cultural dessas manifestações e sua potência como disparadoras de processos criativos.

2. ENTRE GOLPES E BALANCÊS

Quando a professora Tainá Barreto apresentou a proposta de revisitar essas memórias e os lugares que marcaram minha trajetória, relutei no início. Temia que o passado me ferisse novamente, as lembranças boas traziam a dor daquilo que já não podia mais viver, enquanto as ruins reavivavam experiências difíceis que eu preferia esquecer.

Com o tempo, compreendi que revisitar essas memórias era essencial para me reconectar comigo mesma. Por meio desses objetos, estabeleci uma ligação corporal com minhas raízes, permitindo o desenvolvimento de um processo de criação autobiográfico. O primeiro passo foi buscar experiências já vividas através da memória.

Partindo dessa busca pelas experiências vividas, torna-se importante refletir sobre o que entendemos por memória e corpo. As memórias não se restringem apenas ao registro do passado, mas atuam como elementos que atravessam o presente, guiando percepções, sensações e escolhas. No contexto do processo criativo, elas funcionam como disparadores que permitem resgatar experiências corporais, afetivas e sensoriais, tornando-se ferramentas fundamentais para a composição artística e para a construção de uma narrativa autobiográfica.

Um objeto de memória pode ser uma canção, um adereço, uma roupa, uma receita, uma foto, um livro, a imagem de um lugar, um mapa, uma gravação ou qualquer outra coisa. Cada um então irá apresentar-se a si mesmo e a sua investigação familiar compartilhando três objetos de memória. (BARRETO, 2022 p.72.)

Esses objetos funcionam como pontes entre passado e presente, permitindo que

memórias pessoais e familiares sejam resgatadas, revisitadas e interpretadas. Através deles, é possível acessar experiências, emoções e histórias que influenciam a construção de identidade e alimentam o processo criativo.

As memórias são como registros contidos nesse corpo subjetivo e que me tornam um ser único. Quando penso como se constroem essas experiências dentro de mim, é como se eu imaginasse uma cidade, não essa do lado de fora, cheio de pessoas, carros, prédios e sons, e sim, uma cidade interna que só eu habito, sem carros, prédios e silencioso, bom às vezes.

Essas memórias internas, que imaginei como uma cidade silenciosa e só minha, começam a se materializar no meu corpo à medida que revisito experiências e sensações vividas. Cada lembrança se transforma em um gesto, em uma tensão ou em um ritmo, conectando passado e presente de forma sensível.

As experiências são para mim, a construção dessa cidade, a cada passo surge um pedaço de rua, a cada olhar se ergue uma parede, e a cada sentimento ou emoção constrói-se uma casa. Essa rua, essa parede, essa casa são, na verdade, o meu corpo, um corpo tecido de histórias, marcas e vivências que carregam minhas memórias e refletem meu percurso de vida.

Falar dessas experiências de vida é como falar de laços, que pode ser apertado ou não, que pode durar para sempre, mas que pode desatar. Esses laços, familiares, afetivos, sociais, entre tantos outros, vão construindo meu caminho. Esse corpo que sou hoje, se constrói de experiências, como se aquela escolha lá atrás de virar a primeira rua à direita, e a segunda a esquerda fosse responsável por estar buscando uma formação em dança.

A experiência artística não é algo superficial, ela envolve a imersão sensível, corporal e subjetiva. Para Pimentel:

A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do sujeito na ação. O sujeito é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele. Em arte, a completude se dá na imersão que acontece na atividade artística, quer seja como elaborador ou com fruído, uma vez que a experiência em arte acontece na criação artística e na fruição da produção artística. o sujeito envolve-se ativa e criativamente, de forma a integrar a obra de arte. (PIMENTEL, 2015, p.92.)

Essa compreensão aproxima-se da criação em dança autobiográfica, na qual o intérprete se envolve de forma integral no processo, mobilizando corpo, memória e sensibilidade, fazendo da própria experiência vivida a matéria-prima da criação.

O processo criativo surge como uma busca de ressignificar os objetos e memórias corporais. Inicialmente, a investigação parte de um estudo corporal, no qual resgatei o máximo possível a disposição do meu corpo nas duas atividades: karatê e quadrilha. O primeiro passo foi observar como meu corpo se comporta em cada uma dessas práticas tão distintas.

No karatê, meu corpo era firme, exigindo movimentos retos, rápidos e fortes, necessitando uma junção de força, coordenação motora e flexibilidade. As expressões corporais reforçaram a intensidade da prática, o rosto sério refletia a disciplina e a determinação que o esporte demandava, compondo a imagem que eu queria transmitir dentro daquela atividade.

Na quadrilha, os movimentos eram mais fluidos, leves e com uma certa delicadeza, mas, ao mesmo tempo, com muita energia, usando sempre um acessório indispensável para as damas da quadrilha, que era a saia. Diferente do karatê, na quadrilha as expressões eram sempre alegres e animadas.

A criação coreográfica vem dos atravessamentos das danças populares tradicionais, usadas especificamente as quadrilhas. A partir das experiências tidas dentro das quadrilhas houve um resgate dos movimentos característicos que foram usados como ponto de partida. Os passos, giros, balances, marcações corporais e musicais foram revisitados de forma sensível e criativa, sendo esses elementos cheios de festividade.

A dança contemporânea surge como uma escuta para o corpo e como ferramenta de ressignificação das memórias, oferecendo liberdade para transitar entre o que é aprendido e o que é sentido, entre o que é vivido e o que é narrado. A improvisação com os objetos e com as memórias tornou-se estratégia central para esse processo, permitindo transformar o karatê e a quadrilha em elementos integrados no desenvolvimento artístico, convertendo-os em materiais coreográficos.

A escuta do corpo e a improvisação foram fundamentais para a criação artística,

ressignificando gestos e movimentos de cada atividade. A junção da dança popular tradicional com o contemporâneo não acontece só a nível estético, mas na forma como o corpo aparece em cena, revelando uma linguagem híbrida que reflete tanto a disciplina e força do karatê quanto a leveza e expressividade da quadrilha.

Inicialmente, uso de uma prática que me acompanha desde mais nova, e que foi mais explorada, quando me tornei coreógrafa do grupo de quadrilha junina que eu dançava, a Raízes de Goiás no ano de 2015. Esta prática se baseia na criação pela escuta sensível e imaginativa, coloco fones de ouvido me desligo do mundo e é quando consigo me conectar de forma mais profunda ao meu eu interior. A música me faz movimentar pelo espaço, criando uma dança silenciosa para o mundo e com um volume alto para mim.

Esse performar com os fones, revelavam um pequeno laboratório íntimo de criação e que ainda hoje me sinto confortável em usá-lo. É assim então que boa parte dos laboratórios de criação artística desta pesquisa aconteceram. Entendo que essa prática tornou-se um auxílio metodológico importante, uma escuta sensível, que une gestos e memória para a minha criação artística.

A primeira cena: Cheiro de infância, foi construída como uma introdução poética e sensorial à trajetória de intérprete e criadora. Nela, um texto autoral em formato de áudio conduz o espectador por memórias íntimas da infância, resgatando sensações, cheiros e afetos que marcaram os primeiros vínculos com o corpo e com o mundo. Ao som dessa narrativa, o corpo em cena se movimenta em estado de escuta e presença, organizando os elementos cênicos, onde alguns serão utilizados ao longo da performance.

Nesse momento, a timidez citada no início da infância representa silêncio, contenção e medo do novo, tornando-se linguagem cênica. Os movimentos mostram essa memória corporal, contidos e cuidadosos, como se o corpo estivesse se revelando aos poucos. A cena simboliza a passagem do silêncio do corpo à expressão, da introspecção à construção de uma identidade artística. Onde o passado encontra o presente através da timidez transformada em potência criativa.

A segunda cena: Caminhos, nasce de um processo de escuta sensível do corpo por meio da improvisação. Nessa etapa, busquei entender e perceber como ele reagia ao contato com os objetos selecionados, permitindo que os gestos e movimentos

emergissem como experiências ressignificadas. Cada objeto: faixas de karatê, saia de quadrilha, coroa, fotos e itens religiosos, funcionou como disparador de memórias, despertando sensações, tensões e ritmos que guiaram a criação.

A exploração improvisada, revelou o que chamei de caminhos, os objetos viram parte da cena, compondo diretamente as movimentações, mostrando um percurso de instabilidade, que é a descoberta de coisas novas, transformando lembranças em linguagem corporal e presença cênica.

Assim, essa cena foi pensada a partir dos próprios objetos, uma investigação mais a fundo sobre o que esses objetos despertaram em mim, especificamente em meu corpo. Trago para cena as faixas de karatê, saia e coroa junina de quando representei meu grupo como rainha. Caminhos, foi criada pensando em dar um maior foco nos objetos utilizados, como se eu fosse uma mediadora construindo um caminho, com cores e memórias. Entre um pisar leve, mas firme, é que a cena se desenrola.

A terceira cena: Dualidade corporal, inicia com o corpo em contraste. No karatê, ele se mostra firme, preciso, guiado por movimentos retos, rápidos e fortes, que exigem força, coordenação motora e flexibilidade. A expressão facial é séria, revelando disciplina e contenção. Já na quadrilha, esse mesmo corpo se transforma, os gestos ganham leveza, fluidez e delicadeza, sem perder a energia. A saia torna-se extensão do movimento, dançando junto com o corpo, enquanto o rosto se abre em expressões que traduzem alegria.

Essa cena explora a dualidade de personalidades, de corporalidades e de expressões, sendo nesta o principal foco. A proposta surge da ideia de uma criação híbrida, que une a força e precisão do karatê à leveza e fluidez da quadrilha, buscando traduzir contrastes em linguagem cênica.

A trilha sonora escolhida dá lugar ao imaginário, com o grupo de percussão corporal Barbatuques, que na criação me trouxe uma vontade de mover a partir de toda musicalidade corporal que a música nos permite sentir, marcado pelos sons e batidas que conduzem a movimentação aparentemente oposta, mas pensadas coreograficamente juntas.

A disposição coreográfica nasce das lateralidades inspiradas nos katas do karatê,

que são sequências de movimentos ensaiados, que exigem técnica e foco, e também das movimentações presentes na quadrilha. As ações ressignificadas do karatê perdem a técnica marcial, tornando-se a leveza do movimento da saia da quadrilha que ganha imaginação, contrastando a seriedade e alegria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, percebi que revisitar memórias e experiências de vida, mesmo aquelas que carregam lembranças difíceis ou marcadas por desafios, foi essencial para a construção de uma dança autoral. O processo de investigação e criação proporcionou um reencontro profundo comigo mesma, permitindo que o corpo se tornasse tanto objeto quanto sujeito da pesquisa. Cada gesto, cada movimento e cada interação com os objetos inventariados, funcionaram como disparadores de memórias e emoções, possibilitando diálogo entre passado e presente de forma sensível e criativa. A escolha de partir de um inventário pessoal foi definitiva para que eu pudesse acessar narrativas que estavam adormecidas, mas que seguem me constituindo como artista.

A dança autobiográfica mostrou-se um caminho fértil para explorar a complexidade de minhas vivências, traduzindo-as em linguagem cênica. Através desse processo, percebi que a criação autoral não se limita à repetição de técnicas ou formas já conhecidas, mas se constroi a partir da escuta do corpo, da memória e da subjetividade de quem dança. Cada improvisação, cada gesto exploratório e cada adaptação de movimentos tradicionais se tornou um convite à descoberta, mostrando que a dança autoral é antes de tudo a possibilidade de encontrar novos caminhos para expressar o que somos e o que vivemos.

Ao se deparar com a dualidade corporal, do karatê e da quadrilha, o corpo evidenciou diferentes nuances de expressão, força e leveza, disciplina e alegria. A convivência com essas linguagens corporais distintas permitiu compreender que a dança é uma ponte entre experiências passadas e a criação presente, integrando aspectos da cultura popular e das práticas individuais de movimento. A junção entre técnicas rígidas e disciplinadas, como as do karatê, com a leveza e fluidez da quadrilha, exemplifica como experiências do cotidiano podem ser ressignificadas e transformadas em materiais coreográficos ricos e significativos.

Através do cruzamento do karatê e a quadrilha, compreendi que meu corpo carrega

contradições e ritmos. Nele se inscrevem tensões e resistências que não cabem apenas na dança, mas na vida. Reconhecer essas camadas me permitiu entender que criar uma dança autobiográfica é um ato de reconexão com aquilo que me atravessa.

Além disso, o processo demonstrou a importância de elementos simples do dia a dia como disparadores criativos. Objetos cotidianos, memórias familiares, experiências sociais e vivências culturais se tornaram ferramentas de criação, evidenciando o que cada indivíduo possui em sua própria história, os recursos necessários para gerar uma linguagem artística única. Essa compreensão ampliou minha percepção sobre o potencial da dança como forma de expressão, não apenas como prática estética, mas como método de investigação pessoal e coletiva, capaz de conectar o corpo à memória e à emoção.

A reflexão sobre o processo criativo também reforçou o valor da autonomia do intérprete-pesquisador. Inspirada em aspectos do método BPI e pela abordagem de inventários pessoais, compreendi que cada gesto, escolha estética ou movimento é resultado de uma experiência singular, e que a dança autoral nasce justamente dessa integração entre corpo, memória e criação consciente. A improvisação e a escuta sensível, técnicas centrais em minha prática, revelaram-se instrumentos metodológicos poderosos permitindo que o corpo se expressasse sem restrições e que a experiência pessoal se transformasse em narrativa cênica.

O trabalho desenvolvido possibilitou, ainda, um aprofundamento na compreensão das danças populares como manifestações culturais vivas e significativas. A quadrilha junina, com sua musicalidade, figurinos e gestual coletivo, forneceu elementos que, quando ressignificados pela dança contemporânea, abriram espaço para a criação de uma linguagem híbrida, rica em contrastes e nuances expressivas. Da mesma forma, o karatê, reinterpretado através da improvisação e da escuta do corpo, trouxe força, precisão e intensidade, elementos que dialogam diretamente com a subjetividade do intérprete e com o desenvolvimento de uma poética pessoal.

Este percurso também evidenciou como a criação em dança é um processo de contínua descoberta. Ao revisitar memórias e experiências em movimento, percebi que a dança autoral permite que cada indivíduo encontre sua própria voz e linguagem. O processo de construção artística, a observação do corpo, a escolha de objetos e a exploração de gestos tornaram-se um laboratório vivo de experimentação, ampliando

minha compreensão sobre o potencial expressivo e criativo do corpo. Além disso, a pesquisa reafirmou que a arte pode ser uma poderosa ferramenta de transformação pessoal, ao conectar vivências individuais à criação coletiva e ao universo simbólico das culturas populares.

Por fim, esta pesquisa reforçou a ideia de que toda criação artística, especialmente quando pautada na autobiografia, exige sensibilidade, escuta e presença. A dança se mostrou um espaço para integração entre memória, corpo e imaginação, permitindo transformar experiências pessoais em narrativas cênicas singulares. Com isso, a construção de um trabalho autoral revela-se não apenas como resultado de técnica ou habilidade, mas como expressão de identidade, afetividade e conhecimento.

Esse processo proporcionou não apenas o desenvolvimento de uma linguagem própria e uma dança, mas também a percepção de que cada corpo, com suas memórias, trajetórias e vivências, pode gerar infinitos caminhos criativos, permitindo que cada indivíduo encontre sua própria dança, seu próprio movimento e sua própria forma de existir artisticamente no mundo.

Mais que apresentar uma obra coreográfica, este trabalho foi um processo de escavação e reconstrução. Pude revisitar minha infância, meus vínculos familiares e religiosos, e minha relação com a cultura, tudo costurado pela linguagem da dança contemporânea, em diálogo com os saberes populares.

Concluir esta pesquisa não é encerrar um percurso, mas reconhecer que o processo de autoconhecimento e criação continua. Fica a certeza de que meu corpo é forte, é território e testemunho, e que dançar minha história é também inscrever no mundo as histórias de tantas outras pessoas que, assim como eu, tem a arte como forma de dizer o que muitas vezes não cabe em palavras.

REFERÊNCIAS

BALDI, Neila Cristina. **Diários e Inventários como processos formativos em dança.** Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica, Salvador, v.03, n.08, p. 711-725, maio-ago.2018.

BARRETO, Tainá Dias de Moraes. **Entre o Passo e a Pisada, a Festa e as Memórias: Quando as poéticas encantam a formação do artista educador em dança.** Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, v.8, n.2, jul-dez. 2022. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/artce/article/view/74362/39697>. Acesso em 15 ago. 2025

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Artes e Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS (IBGE). **Cidades e Estados: Aparecida de Goiânia. Rio de Janeiro: ibge, 2022.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/aparecida-de-goiania/panorama>. Acesso em 19 ago. 2025.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Processos artísticos como metodologia de pesquisa. Cadernos Culturais da Universidade Federal de Uberlândia.** Uberlândia, v.11, n.1, p.88-98. jan/jun. 2015.

RODRIGUES, Graziela. **Bailarino Pesquisador Intérprete - processo de formação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Funarte, 2005. (1ª ed. 1997).

RODRIGUES, Graziela; TURTELLI, Larissa; TEIXEIRA, Paula; CAMPOS, Flávio; COSTA, Elisa; CÁLIPO, Nara; FLORIANO, Mariana; ALLEONI, Natália; JORGE, Mariana. **Corpos em Expansão: a arte do encontro no método Bailarino-Pesquisador (BPI).** Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v. 6, n. 3, p. 551-577, set./dez. 2016.